

MEXICO INVADIDO E VENCIDO

Livro 103

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal

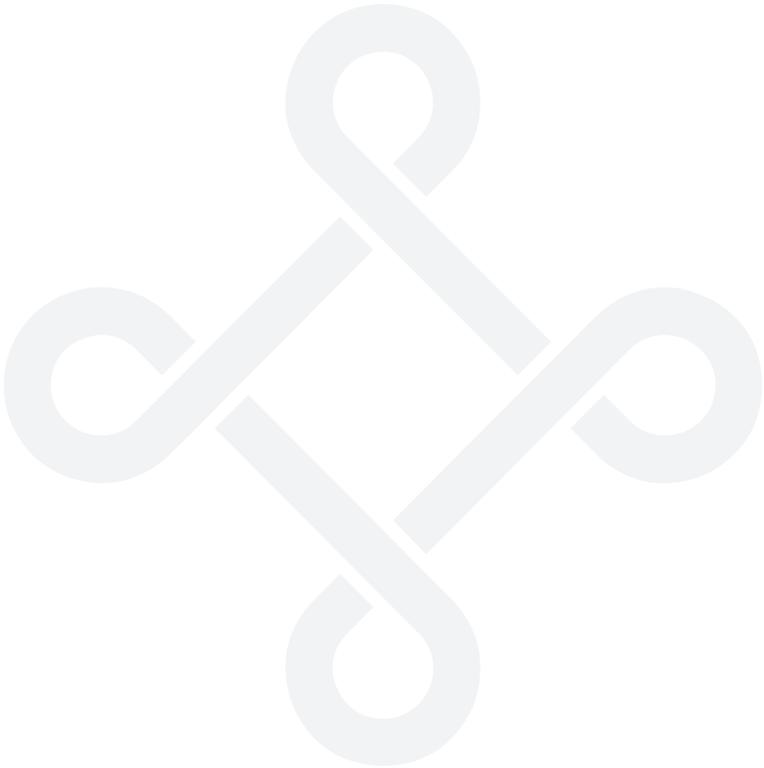


© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



A ROTA DOS “CONQUISTADORES”

O 18 de fevereiro de 1519, Hernán Cortés partiu da ilha de Cuba à frente de uma armada integrada por 10 navios. Trazia consigo 100 marinheiros, 508 soldados, 16 cavalos, 32 mulas, 10 canhões de bronze e algumas outras peças de artilharia de curto calibre. Vinham com ele vários homens que chegariam a ser famosos na conquista do México. Entre eles estava Pedro de Alvarado, a quem os méxicas haviam de apelidar de Tonatiuh, “Sol”, por sua extraordinária atitude e a cor ruiva de sua cabelereira. Vinham também Francisco de Montejo, que posteriormente conquistaria aos mayas de Yucatán; Bernal Dias de Castillo e outros que consignariam por escrito a história dessa série de expedições.

A MEMÓRIA

A fins já do século XVI e princípios do seguinte ouve na região central do México um renascer historiográfico, logrado por homens que bem merecem o qualitativo de distinguidos investigadores nahuas. Sobresaem entre eles Hernan Alvarado Tezozómoc (c.1526 – c.1610), Cristóbal de Castillo (c.1526 – 1604), Chimalpain Cuauhtlehuanitzin (1570 – c.1640) y Fernando de Alva Ixtlixóchitl (c.1578-c.1650). Esse último, ainda tinha ancestrais espanhóis, se valorizou sempre de sua linhagem tetzco-cano.

Todos eles inquirieran nas melhores fontes ao seu alcance: alguns códigos com pinturas e sinais glíficos, assim como nos testemunhos de anciãos sobreviventes, cujos nomes consignaram em vários casos. Traço comum no que escreveram sobre o passado de seus respectivos povos e senhores - Mexico – Tenochtitlan, Chalco-Ame-ameca y Tetzco – foi o amor que demonstraram por eles e o afã de preservar a memória da sua história.

CURAR FERIDAS

Longe de assumir posturas de ressentimento por quanto ocorreu a seu povo, consideram que o mais importante é reconstruir sua identidade com sólido fundamento histórico. Sendo plenamente conscientes do drama dos vencidos, se propuseram curar suas feridas mostrando a seus descendentes que proviam de gentes que foram grandes criadores de cultura.



RESGATES DE MEMÓRIA

Como amostra desses resgates de memória, se oferece uma parte do princípio da *Crônica Mexicáyotl*, por Hernando Alvarado Tezozomoc: Aquí se diz, se refere como chegaram, entraram os anciãos, os nomeados teochimecas, agentes de Aztlan, os mexicas quando vieram a buscar terras, a merecê-las, aqui na grande cidade de México-Tenochtitlan, lugar de sua fama, seu legado, o lugar onde se encontra o tenochtli, o tunal silvestre, dentro da água, onde a águia se ergue, onde ela grasna,

onde se estende, onde devora, onde é desgarrada a serpente, onde nada o peixe, na água azul, a água amarela, o lugar do encontro, onde a água faz espuma, dentro dos arrozais, os tutores, e o lugar de reunião, onde se guarda a gentes dos quatro rumos do mundo (...).

Eis aqui, aqui começa, aqui se verá, está posta por escrito a relação de seu renome, o relato, a história da origem...



ANTEPASSADOS

Assim o vieram a dizer, vieram a assentar em seu relato, e para nós vieram a deixar em seus papéis os anciãos, as anciãs. Eram nossos avós, nossas avós, nossas bisavós, nossas bisavós, nossas tataravós, nossos antepassados. Se repetiu como um discurso seu relato, nos deixaram e vieram a chegá-lo a quem agora vivemos, aos que saímos deles. Nunca se perderá, nunca se esquecerá o que vieram fazer, o que vieram assentar, sua tinta negra, sua tinta vermelha, seu renome, sua história, sua lembrança.

Assim no porvir jamais perecerá, jamais se esquecerá, sempre o guardaremos nós, filhos deles, netos, irmãos menores, tataranetos, bisnetos, descendentes, seu sangue, sua cor. Lhes vamos dizer, a comunicar a quem haverão de viver, haverão de nascer, os filhos dos méxicas, os filhos dos tenochcas.

FONTE: Crónica Mexicáyotl, Hernando Alvarado Tezozómoc, UNAM 1998.



DESGRAÇAS

A muitas desgraças que afligiram aos vencidos – como a sujeição a seus novos senhores, encomendas e tributos – se somaram as frequentes pestilências que provocaram uma pavorosa diminuição demográfica entre os indígenas. Só a partir do último terço do século XVII começou a produzir-se uma certa recuperação populacional. Ela trouxe consigo a urgência de poder exhibir títulos de propriedade que ampararam o direito às terras ancestrais.

PARTE DO TEXTO ELABORADO COMO DOCUMENTO TESTEMUNHO

Meus queridos filhos:

Hoje segundo dia de Toxcatl (aos vinte dias), que pertence ao único e verdadeiro Deus que está no céu e na terra e por todas partes no mundo, meus queridos filhos, sabe que por todas partes se afligem todos os senhores dos povos e também saibam que é o que fizeram e seguem fazendo os brancos em nome de Castela. É conhecido como atormentam aos referidos senhores, os que tem a seu cargo os povos, os que tem a batuta do mando. É sabido como os atormentam porque lhe pedem suas riquezas, porque não lhes dão todo o metal amarelo y lhes sequestram as mulheres e suas estimadas filhas donzelas. Não estão satisfeitos senão quando queimam aos senhores, como ao muito grande e referenciado Senhor de Michoacán, o muito grande Caltzontzin. E assim o fizeram também com outros senhores que tinham a seu cargo os povos, os que mandavam lá em Xalapan, Tlaxcalan, Tehuantepec, Oaxaca, e também com os senhores de outros povos onde se aproximaram invejosos, esfomeados de ouro, que se chamam cristãos (...)

Quanto sangue se derramou, era o sangue dos vossos

país! E para que? Para que se fez isso assim? Sabei porque só eles querem ser os que governavam, porque estão esfomeados de ouro, das propriedades dos outros, porque querem tê-los debaixo de seus pés (...)

FONTE: Testimonio de la fundación de Santo Tomás de Aquino, archivo general da la nación México.



OS NAHUAS

Os nahuas, vencidos e oprimidos durante séculos, cresceram certamente em número e, ao igual que outros povos indígenas, são conscientes do direito que tem a preservar sua própria língua e cultura, inclusive sua autonomia. Com esta convicção, reflexionam sobre o que há de ser seu destino. Os “outros”, imaginados e descritos em várias formas desde os dias da invasão espanhola, devem já inteirar-se do que eles pensam. Sua posição já não é pedir concessões ou presentes. Como outros ameríndios, al sul e ao norte deste continente, fazem ouvir sua voz expressando demandas que no fundo se

dirigem a terminar com a exclusão de que foram vítimas. Sabem que, para fazer-se donos do próprio destino, hão de confiar em si mesmos. Um poeta nahua, Natalio Hernández Xocoyotzin, nativo de Naranja Dulce, Veracruz, expressou lindamente essa ideia. Eis aqui seu poema:

NECESSITAMOS CAMINHAR SÓS

Algumas vezes sinto que os índios
esperamos a chegada de um homem
que tudo pode,
que tudo sabe,
que nos ajude a resolver
todos nossos problemas.
Entretanto, esse homem que tudo pode
e que tudo sabe
nunca chegará;
porque vive entre nós,
se encontra em nós
caminha conosco;
ainda dorme,
porém já está despertando.

FONTE; Cantares mexicanos. Biblioteca Nacional de México.

O MÉXICO – TENOCHTITLAN QUE OS ESPANHOIS ENCONTRARAM

Em México-Tenochtitlan, ao tempo da conquista vivia uma população que pode calcular-se em cerca de cento vinte mil habitantes. Sua atividade era múltipla. Por uma parte estavam as cerimônias em honra aos deuses, los sacrificios e o solene ritual. A isto há que incluir a presença dos sábios maestros que com seus grupos de estudantes entravam e saíam dos Calmécac e Telpuchcalli, centros de educação pré hispânicos. O ir e vir das canoas carregadas de mercadorias e a atividade contínua dos comerciantes e a gente do povo no mercado de Tlatelolco eram tão impressionantes que aos conquistadores parecia tudo aquilo algo assim como um formigueiro. Os exercícios militares e a entrada e saída dos guerreiros constituíam assim um outro espetáculo em extremo interessante. Em poucas palavras, pode dizer-se que a vida dessa grande cidade era a de uma metrópole, cabeça do que em forma análoga pode chamar-se um império. A ela chegavam embaixadores e governantes de longínquas regiões. Por seus canais e ruas entravam os tributos, as jóias de ouro e prata, as plumagens finas, o

cacau, o papel feito de cortiça de amate, os escravos e as vítimas para os sacrifícios humanos. México-Tenochtitlan era certamente um formigueiro no que todos seus integrantes trabalhavam incansavelmente em serviço dos deuses e em favor da grandeza do que haveria de chamar-se “povo do Sol”.

FONTE: VISIÓN DE LOS VENCIDOS, Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.



PALACIOS

Em México-Tenochtitlan os dois lugares mais importantes eram sem dúvida o enorme recinto sagrado no que se erguiam os setenta e oito edifícios que constituíam o Templo Mayor com seus oratórios, escolas e dependências, e a grande praça de Tlatelolco onde tinha lugar o mercado onde se vendiam e compravam os mais variados produtos, procedentes de terras longínquas.

O recinto do Templo Mayor estava circundado por um muro que formava um grande quadrado de aproximad-

amente 500 metros por lado. Na atualidade graças as escavações que se iniciaram em 1978, podem contemplar-se impressionantes vestígios das várias etapas construtivas do grande tempo, no coração mesmo da cidade. Numerosas esculturas, baixo relevos e oferendas, deixam entrever a magnificência que alcançou o templo em vésperas da Conquista.



PALÁCIO DE AXAYÁCATL

Frente ao Templo Mayor, por sua lateral ocidental, se levantava o palácio de Axayácatl, antigo governante mexicana de 1469 a 1481, que foi precisamente onde foram alojados espanhóis quando chegaram à cidade em qualidade de hóspedes. O palácio imperial de Montecuhzoma, situado frente a uma grande praça, ocupava aproximadamente o mesmo sítio no que hoje se levanta o Palacio Nacional do México;

Além destes e outros palácios havia um sem fim de templos menores e de construções de cal e canto reservadas

para habitação dos nobres, os comerciantes, os artistas e o povo.

As ruas eram bem estreitas e em muitas delas existiam canais que permitiam a entrada das embarcações provenientes das ribeiras do lago. Entre os atrativos da cidade pode mencionar-se os jardins botânico e zoológico, que tanta admiração provocaram nos conquistadores espanhóis.



EDUCAÇÃO PRÉ-HISPÂNICA

Entre as instituições culturais que permitem melhor compreender o desenvolvimento dos antigos mexicanos estão seu sistema educativo e sua possessão de uma escritura e de sistemas calendários. Para os mexicas, ao menos durante os cem anos que precederam a Conquista, a educação era universal e obrigatória. Todas as crianças deviam assistir, bem seja aos calmécac, ou centros de educação especializada, ou aos telpochcalli, aos que acudia a maior parte do povo. Segundo parece, na cidade de

México-Tenochtitlan existiam ao menos seis calmécac. Segundo os testemunhos indígenas, nestas escolas se transmitiam as doutrinas e conhecimentos mais elevados, como eram os cantares divinos, a ciência de interpretar os códices, os conhecimentos calendários, a história e as tradições, a memorização de textos, etcétera. Existindo em forma sistemática esta memorização de textos foi possível, depois da Conquista, reduzir à escritura latina, mas em idioma indígena, muitos dos poemas e tradições que de outro modo se houvessem perdido para sempre. Ainda quando geralmente concorriam aos calmécac os filhos dos nobres e dos sacerdotes, de acordo com vários testemunhos históricos, em alguns casos podiam assistir crianças e jovens do povo, sempre que tivessem particular disposição para os estudos.

Os Telpochcalli, “casa de jovens”, eram os centros de educação para a grande maioria do povo no mundo pré-hispânico. Quase todos os calpullis ou “bairros” tinham seu próprio telpochcalli. Ditos centros de educação estavam consagrados ao deus Tezcatlipoca. Neles se transmitiam as crianças e jovens os elementos fundamentais da religião, moral e etcetera. Assim se adestravam ali, aos jovens nas artes da guerra. Comparados os telpochcallis com os calmécac, pode dizer-se que os

primeiros possuíam um caráter mais técnico e elemental. Como se disse, ao menos na cidade de México-Tenochtitlan, todas as crianças concorriam a um desses dois tipos de centros educativos, já que ao nascer, seus pais faziam promessa de enviá-los quando tivessem a idade adequada, que ao parecer fluuava entre os seis e os nove anos.



ESCRITURA PRÉHISPANICA

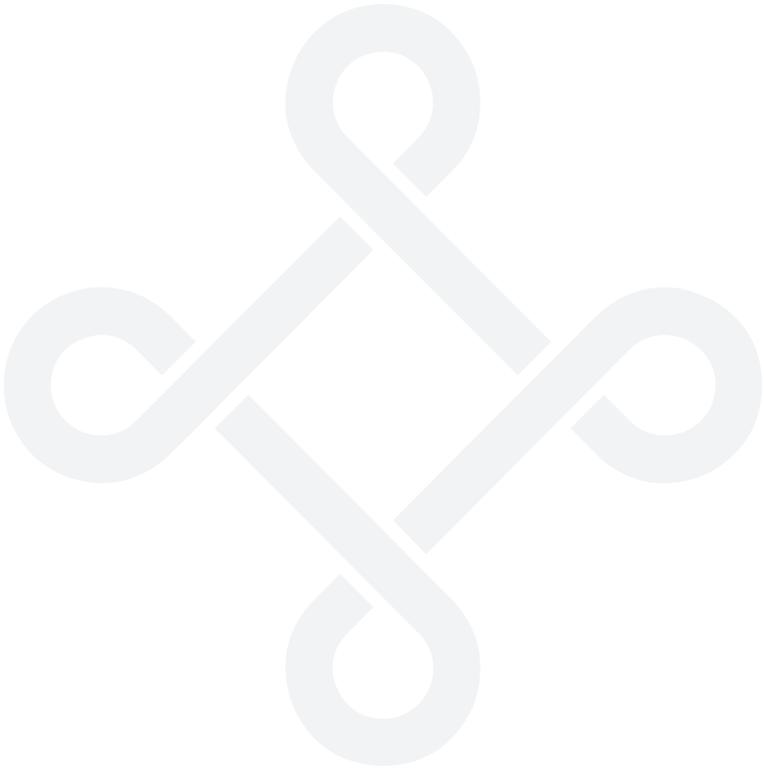
As culturas mais desenvolvidas do México antigo, principalmente a zapoteca, maya, mixteca, tolteca y mexica, chegaram a possuir sistemas próprios de escritura, como o mostram entre outras coisas suas inscrições em pedra e os códices de origem precolombino que, todavia, se conservam. Pode dizer-se que foi a escritura maya a mais desenvolvida do México antigo.

Os sistemas de representação mexica e mixteco, distintos da escritura maya, possuíam caracteres e glifos pictográficos, ideográficos e parcialmente fonéticos. Além da representação dos números e signos calendáricos, eram

abundantes os glifos de carácter onomástico (Pertencente ou relativo aos nomes, especialmente aos nomes próprios) e toponímico (Conjunto de os nomes próprios de lugar de um país ou de uma região). Ainda quando existem vários estudos sobre a escritura prehispânica, fica ainda um amplo campo de investigar, acudindo aos manuscritos indígenas, tanto precolombinos como da primeira etapa da Colonia, ou seja do século XVI, no que ainda se conservava bastante pura a técnica precolombina. Os livros indígenas, conhecidos geralmente como códices, estavam feitos de papel procedente da cortex do amate (*ficus petiolaris*). Como o provam entre outros os códices do chamado grupo Borgia, seu conteúdo era de carácter mitológico, religioso, calendárico e em alguns casos histórico.

Alguns desses códices post hispânicos, nos que, seguindo a antiga tradição, se preservou também a memória do drama da Conquista.

FONTE: VISIÓN DE LOS VENCIDOS, Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.



Roberto Curi Hallal

